

RELATO DE CASO CLÍNICO

DO BENZIMENTO AO REIKI: UM ESTUDO DE CASO

FROM BLESSING TO REIKI: A CASE STUDY

RESUMO

Este artigo objetiva interpretar os significados da experiência, práticas, motivações e concepções de ex-benedora que aderiu ao passe espírita e posteriormente ao reiki. Concentra-se em um caso observado durante pesquisa de doutorado sobre terapias que utilizam a imposição de mãos, realizada em 2009-2012, na cidade de Ribeirão Preto. O método escolhido foi o estudo de caso, com as técnicas de observação direta, entrevista em profundidade, levantamento de história de vida e caderno de campo. Seus principais resultados dizem respeito à construção e reformulação do conhecimento sobre o dom de cura, que transita entre benzedura, aplicação de passes espíritas e transmissão de energia por meio das técnicas de aplicação do reiki. As conclusões indicam a coerência das ações e concepções constatadas no caso estudado, nas diferentes modalidades de terapias buscadas, com o pensamento mítico e em contradição com a racionalidade biomédica.

PALAVRAS-CHAVE

Terapias Complementares.
Toque Terapêutico.
Estudo de Caso.



Marcela Jussara Miwa

- Socióloga. Doutora em ciências
pela Escola de Enfermagem
de Ribeirão Preto – USP

CORRESPONDENTE

Marcela Jussara Miwa

Escola de Enfermagem de
Ribeirão Preto-USP
Departamento de Enfermagem
Psiquiátrica e Ciências Humanas.
Avenida dos Bandeirantes,
3900 - 14040-902
Campus Universitário -
Bairro Monte Alegre
Ribeirão Preto - SP

E-mail: marcelajmiwa@yahoo.com.br

Recebido: 24/10/2013

Aprovado: 03/04/2014

ABSTRACT

This article aims to interpret the meanings of the experience, practices, motivations and conceptions of a former healer who joined spirit passes and later reiki. It focuses on a case observed during a doctoral research on therapies that use hands-on techniques, carried out in 2009-2012, in the city of Ribeirão Preto. This case study used direct observation, in-depth interview, a survey of life history and field notebook. Its main results concern the construction and reformulation of knowledge about the gift of healing, that can include blessing, application of spirit passes, which consists of movements of the hand over a person to bless or cure, and energy transmission through the application of reiki techniques. Findings indicate coherence of the actions and concepts found in the studied case, in the different types of therapy researched, with the mythical thought and in disagreement with the biomedical rationality.

KEYWORDS: Complementary Therapies. Therapeutic Touch. Case Studies.

INTRODUÇÃO

No Brasil, desde as últimas décadas do século XX, pesquisadores de diversas áreas procuram compreender e/ou explicar o sucesso das terapias complementares e alternativas na população. Diversos investigadores das ciências sociais^{1,2,3,4} contemplam, em seus trabalhos, as práticas populares, mágicas e religiosas de cura, assim como o surgimento de novos modelos terapêuticos.

Sociólogos, antropólogos e pesquisadores da área da saúde apontam para as contradições do próprio sistema público de saúde e/ou da medicina: a promessa de assistência igualitária convive com a desigualdade, a deficiência numérica e de qualidade dos serviços oferecidos à população; a afirmação do conhecimento da biomedicina como único saber verdadeiro sobre saúde-doença frente à impotência ante muitas doenças, incertezas e sofrimentos do homem. A isso se junta a medicalização social, com a consequente dependência de procedimentos, medicamentos e tecnologias médicas, assim como a desvalorização do modo de vida e dos valores populares pela medicina^{5,6}.

Além das brechas existentes na medicina oficial - por onde penetram ações curativas alternativas, complementares, mágicas e religiosas^{2,7,8} - a crescente procura de sistemas terapêuticos distintos do sistema médico revela, ainda, a busca de uma racionalidade diferente da científica, em que os conhecimentos populares, crenças, interpretações das

sensações e doenças não sejam descartados como meras manifestações de ignorância. Se isso é verdadeiro para as classes populares, não é menos verdade para um público “formado por pessoas escolarizadas, de bom poder aquisitivo”⁴ que demonstra grande interesse por práticas terapêuticas alternativas e/ou complementares, as quais visam recuperar a harmonia do indivíduo com os planos natural e sobrenatural, resgatando-o da doença.

O ângulo privilegiado neste estudo prioriza a busca da lógica subjacente a terapias construídas fora da racionalidade científica, por meio da focalização da trajetória de uma agente de cura. Neste artigo, abordaremos a experiência de um indivíduo que praticou, durante sua vida, diferentes terapias: práticas populares de cura, o benzimento e passe espírita; outra, o reiki, terapia japonesa importada no bojo do sucesso de novos modelos de cura, na década de 80 do último século.

Reiki e benzimento configuram-se como duas práticas de cura bastante diversas, em suas origens e vínculos, mas apresentam, também, semelhanças. Tanto o reiki quanto o benzimento pressupõem, por um lado, uma concepção de mundo como totalidade coesa, em que se reconhece a profunda ligação entre o natural e o sobrenatural. Por outro lado, em ambos revela-se o poder das mãos, seja como veículo da transmissão de energia, no reiki, ou como instrumento primordial da benzeção.

O objetivo deste artigo foi interpretar os significados da experiência, motivações e concepções de uma mulher que, de benzedeira, aderiu ao passe espírita e posteriormente tornou-se adepta e praticante do reiki. A importância dessa realidade vivida e relatada não se deve apenas ao relevo da peculiar trajetória de vida, mas ao fato de que permite apreender uma possibilidade de articulação dos significados de benzeção e reiki. O caso exemplar representado pelo percurso por duas formas de cura contribui não só para a reconstrução do conhecimento popular mobilizado pelo benzimento, como também para a compreensão da aceitação, em nossa sociedade, de uma prática de origem japonesa sem vínculo aparente com tradições brasileiras.

SOBRE O MÉTODO

Este artigo tem por base pesquisa de doutorado sobre o uso de terapias complementares, realizada entre 2009 e 2012. Essa pesquisa direcionou-se à busca da interpretação dos significados da cura pela imposição das mãos, para praticantes e adeptos do reiki e do johrei da Igreja Messiânica.

Em linhas gerais, o reiki^{9,10,11} é uma técnica de energização que surgiu em 1922, com Mikao Usui no Japão. Para tornar-se reikiano é necessário submeter-se a “iniciação” comandada por mestre habilitado, somente assim a pessoa é capaz de canalizar as energias sutis, sendo que o organismo (físico ou sutil) do receptor é quem irá determinar o quanto de reiki irá “absorver”. Não existindo restrições para o uso de reiki, já que o corpo do paciente é responsável em receber, ou não, as energias. Já o johrei¹² está atrelado a princípios religiosos; sendo um dos pilares da Igreja Messiânica Mundial (IMM), fundada em 1937, por Mokiti Okada, também conhecido como Meishu-Sama. Para ministrar johrei é necessário portar a medalha *ohikari* para a canalização da energia, sem esse objeto, o praticante torna-se impossibilitado de transmitir a energia.

Parte da pesquisa de doutorado foi desenvolvida em Núcleo de Reiki de Ribeirão Preto, cidade do interior do Estado de São Paulo, e teve como sujeitos entrevistados reikianos que fazem trabalho voluntá-

rio, isto é, são “iniciados” nas técnicas reikianas e realizam atendimento a pessoas que buscam a transmissão de energia, no núcleo escolhido, assim como os frequentadores do espaço.

Durante a realização dessa etapa da pesquisa, deparamo-nos com a curiosa história de vida de um dos sujeitos, pontuada por diversas inserções religiosas e pelo trânsito do benzimento à prática do reiki. Este foi o sujeito escolhido para realizarmos um estudo de caso com características exemplares, o qual pode nos permitir lançar luz à compreensão de como se concretiza a experiência da cura pela imposição das mãos.

Neste trabalho, a estratégia metodológica adotada foi o estudo de caso individual, de tipo qualitativo, que utilizou as técnicas de observação direta, entrevista em profundidade, história de vida e caderno de campo¹³.

Foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas com Rosa, no próprio Núcleo de Reiki. A primeira, com duração de cerca de quarenta minutos, abordou temas como: Quando e como conheceu a técnica reiki? Percebeu mudanças significativas em sua vida devido a essa prática de cura? Conhece outras técnicas de cura alternativa/complementar? Posteriormente, uma segunda entrevista semiestruturada foi efetuada para esclarecer alguns pontos acerca do seu conhecimento sobre benzimento, que durou quase quinze minutos. Ambos os relatos foram gravados em aparelho digital.

A pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, com o número 1047/2009. Para sua realização, foi respeitado o que rege a Resolução 196/96 sobre as exigências éticas de pesquisa com seres humanos.

ESTUDO DE CASO: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

Dona Rosa (nome fictício), branca, 68 anos, aposentada, com formação escolar até o ensino médio, residente em Ribeirão Preto, por ocasião da pesquisa frequentava um Núcleo de Reiki, há três anos, como usuária e havia acabado de se iniciar na técnica,

preparando-se para trabalhar como voluntária no Núcleo de Reiki que constituiu um dos locais da investigação mencionada.

De caráter peculiar, na história de vida de Rosa, está o fato de que ela praticava, desde a juventude, técnicas de imposição das mãos, embora a elas atribuisse diferentes sentidos. Vejamos como se dá a experiência que conduz do benzimento à aplicação do reiki.

A FORMAÇÃO DE BENZEDEIRA

Nossa personagem relata que, quando jovem, cerca de 14 anos, uma criança, filha da vizinha, estava com problemas de saúde (febre e diarreia) e a mãe pediu-lhe que levasse a enferma a um benzedor conhecido na comunidade. Como o benzedor estivesse doente, não poderia benzer a criança; então, decidiu ensinar à Rosa os procedimentos necessários para fazê-lo.

Sua formação católica, a existência de uma tia benzeadeira e os ensinamentos do benzedor da comunidade facilitaram a inserção e iniciação de Rosa nas técnicas do benzimento. A propósito, é preciso destacar que existem várias formas de descobrir-se um benzedor mas, no geral, isso ocorre por meio de uma “revelação” (o “chamado” à iniciação) ou “herança” (algum benzedor mais experiente ensina as técnicas a um noviço)³.

A benzedura ou benzimento – também conhecida como benzeção, imposição de mãos, bênção, passes³ – é uma prática de cura inscrita na órbita do sagrado, presente em diversos povos e culturas, com registro, no Brasil, desde o período colonial e que incorpora práticas terapêuticas indígenas. O benzimento articula-se principalmente com o catolicismo rústico e inclui rezas nas curas que promove pela imposição das mãos, frequentemente acompanhada de vegetais ou objetos. Entretanto, esta prática popular também aparece relacionada com outras religiões.

Conforme narra, aos quatorze anos Rosa fez seu primeiro trabalho como benzeadeira. Segundo ela: “ele falou que eu podia, tentei, fiz e melhorou a criança. Aí eu continuei, que aí um conta para o

outro, vem um, daí a pouco vem outro, então foi assim...” Como no caso de Quesalid, comentado por Lévi-Strauss¹, conclui-se que Rosa curava porque havia sido reconhecida pela comunidade como benzeadeira, isto é, seu prestígio foi logo socialmente reconhecido.

Depois da primeira atuação, ainda adolescente, e no processo de reconhecimento social como benzeadeira, Rosa aprendeu com o mesmo benzedor, de maneira formal, a técnica de benzer contra mau jeito. Antes de iniciar o procedimento, deveria pedir ajuda ou proteção ao santo (católico) de sua devoção, depois pegar cinzas de fogão com os dedos ou com uma colher (naquela época eram comuns os fogões a lenha), colocar três punhados em um copo com água cheio até a metade. Em cima do copo, deveria colocar um prato e virar tudo, de maneira a que o copo ficasse de cabeça para baixo, assim reservando o composto por três dias, período em que é pedida ajuda ao santo da devoção àquela pessoa que sofre de mau jeito em alguma parte do corpo. Decorridos os três dias, desfaz-se o preparo e joga-se a solução em água corrente. Os objetos utilizados (prato e copo) podem ser lavados e usados normalmente.

As técnicas utilizadas pelos benzedores variam, dependendo do grupo de fé que o praticante segue. No entanto, mesmo quando se diz seguidor de uma religião, ele atua de forma autônoma em relação a ela³. No caso de Rosa, que descreve as técnicas que usa pormenorizadamente, ela reconhece a articulação do poder curativo da benzedura, em primeiro lugar, com seu dom inato para curar pessoas e, em segundo, com a invocação de santos e orações vinculados à religião católica.

Rosa enfatizou, durante a entrevista, que hoje entende serem desnecessários cinzas, prato e copo, compreendendo como realmente importantes, as orações: “a gente era ignorante, achava que aquilo fazia efeito e que era assim, mas não era, era a prece”. De acordo com ela, alguns pacientes resistiram à mudança e queriam o procedimento habitual, quando anunciava que iria apenas rezar, porque não tinha mais cinza em casa (o fogão a lenha foi substituído por fogão a gás). Em sua interpretação, parecia aos

pacientes que, com sua nova configuração, a técnica não surtiria o efeito desejado.

Com o mesmo benzedor mencionado antes, Rosa aprendeu a benzer caxumba. Ela ensina que, para tratar dessa doença, o benzedor deve pegar um raminho verde (de qualquer planta), molhar o caule em tinta de caneta e escrever Ave-Maria em forma de cruz em cima da proeminência formada pela moléstia. Enquanto escreve, pede ao santo de sua devoção que aquilo melhore normalmente, sem complicações. A benzedora informa que, segundo alguns benzedores, o procedimento poderia ser feito apenas uma vez; outros achavam que eram necessárias sete vezes; mas, de acordo com Rosa, em três dias o problema estava resolvido.

Em sua contribuição para as técnicas de benzimento, o três aparece recorrentemente. Indagada sobre a repetição do número 3 (três cruces, rezar 3 vezes a mesma oração e outras recorrências), Rosa explica que na época não teve curiosidade em questionar o significado disso. Seguiu a tradição: “desde que a gente se conhece por gente era daquele jeito, então você não tinha a curiosidade que tem hoje em dia”. Somente quando parou de realizar os benzimentos entendeu que as repetições eram desnecessárias: “a quantidade de vezes não tem nada a ver... o que vale é a intenção, fazer com fé”.

Uma tia, também benzedora, ensinou e autorizou Rosa a benzer quebrante – cujos sintomas são geralmente identificados com: choro constante, febre, bocejos, corpo dolorido, desânimo, etc³. Era necessário repetir três vezes a seguinte oração diante da portadora do mal: “eu vi o sol, eu vi a lua, eu vi a estrela da divindade, eu vi Nossa Senhora benzedora dessa criança com as três palavras da Santíssima Trindade; em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. A oração – aparentemente específica para benzedura – equipara forças naturais e sobrenaturais, recobrando-as com o dado da certeza que resulta da experiência: “eu vi”.

Cada vez que fizer essa oração, o benzedor deverá pegar um raminho verde (de qualquer planta), fazendo sinal-da-cruz na frente da pessoa com quebrante e, terminada a oração, deverá rezar um

Pai-Nosso e uma Ave-Maria. Executado três vezes o ritual, juntam-se os três raminhos verdes, rezando mais uma vez “eu vi o sol, eu vi a lua”... seguido de mais um Pai-Nosso e uma Ave-Maria. Terminado o benzimento, jogam-se os raminhos em água corrente. Trata-se de um procedimento demorado. Rosa comentou durante a entrevista:

o interessante que certas pessoas que a gente benzia, os galinhos, eles ficavam todinhos retorcidos; é, ficavam... murchavam e outros ficavam até meio retorcidos... aí eu não sei explicar o porquê, mas era isso que acontecia...

Existem muitos mistérios no ofício de benzedora: os “galinhos retorcidos” possivelmente indicando o sucesso da bênção, o número três recorrente nas orações repetidas como mantra, na execução do próprio rito, nos “raminhos” usados no benzimento. O conhecimento passado de benzedor para benzedor não revela todos os meandros do ofício, nem o indivíduo detém controle completo sobre as razões que recobrem os procedimentos adotados que, em última instância, remetem à crença no poder curativo da benzedura.

O campo de atuação de Rosa como benzedora restringiu-se a três “enfermidades”: mau jeito, caxumba e quebrante. Quando questionada se aprendeu a benzer mal de simioto ou erisipela, tidos como suscetíveis de cura pela benzedura¹⁴, ela respondeu que desconhecia as orações.

Rosa contou que tanto sua tia benzedora quanto um benzedor chamado João (nome fictício) demonstraram interesse em ensinar-lhe como benzer picada de cobra e de outros animais peçonhentos. O benzedor em questão alertou-a para que, se acaso aprendesse a benzer, “nunca mais poderia matar nem cobra nem escorpião... para você continuar benzendo”. Contudo, ela não conseguiu aprender esse benzimento, pois o benzedor que poderia ensiná-la adoeceu e a tia morava longe, impedindo Rosa (que tinha filhos pequenos, na época) de conhecer os procedimentos. Lastima não haver aprendido, ficando restrita a benzer somente três males.

Rosa não cobrava pelas bênçãos que realizava, nunca aceitou pagamento em dinheiro como retribuição: “também se oferecesse a gente não podia acei-

tar porque diz que... você perde né, a minha tia que me ensinou, falou que se a gente cobrasse, perdia o poder... não é, é que aí virava comércio”. A benzedeira revela, assim, sua recusa em transformar em atividade remunerada aquilo que recebera como dádiva. Dom e dinheiro são categorias excludentes, na ordenação do mundo explicitada por nossa personagem.

Sobre a questão do sigilo na benzedura, ou sobre a possibilidade de ensinar as orações a outras pessoas, Rosa afirmou: “nunca me falaram nada, eu sempre ensinava as próprias mães, eu falei ‘você pode fazer isso na sua casa’, né, ‘você pode fazer isso’, só que elas não confiavam que podiam fazer isso”. Até mesmo quando a pesquisadora indagou se poderia publicar seus procedimentos de benzedura, Rosa consentiu: “tomara a Deus que mais pessoas usem, porque está faltando” [benzedores].

Durante trinta anos, Rosa foi benzedeira. Um fato curioso é que Rosa jamais benzeu os próprios filhos:

eu nunca me lembrei disso! Eu sempre fazia as preces para Santo Expedito, ou novena para Santo Antônio, aquelas coisas, mas benzer assim, nunca, uma que eles nunca tiveram caxumba, nenhum dos dois... e mau jeito também, que eu saiba eles nunca tiveram... e o quebranto, eu rezava, rezava...

Oliveira³ reconhece a existência de três etapas para que benzedeiros sejam reconhecidas pelo público como profissionais das práticas de cura. Num primeiro momento, a benzedeira, restringe a sua atuação aos familiares (filhos e sobrinhos) e volta-se para a resolução de problemas simples, como o quebrante, o mau jeito e a lombriga.

Após obter resultados positivos dentro do âmbito familiar, e imbuída de maior confiança em sua capacidade de benzer, começa a falar com outras pessoas sobre suas experiências e dá-se início a segunda etapa, quando se torna conhecida e procurada pela comunidade.

Na terceira etapa, o público da benzedeira aumenta; por vezes, são pessoas de outras cidades que a procuram. Com o crescimento do número de procuras, há também um aumento dos tipos de problemas a serem resolvidos e é esta diversidade que induz a benzedeira a aprender novas fórmulas e aprofundar seus conhecimentos.

No caso de Rosa, verificam-se algumas peculiaridades, como, por exemplo, o fato de que suas atividades se iniciaram fora do contexto familiar (nunca benzeu seus próprios filhos), uma vez que seus primeiros êxitos ocorreram com pessoas estranhas ao núcleo familiar e dão início ao reconhecimento social de seu poder de cura. Ainda assim, por suas características, é possível situá-la na segunda etapa descrita pelo autor, pois sua área de atuação sempre esteve voltada à comunidade e os problemas que resolvia eram do tipo “simples”: mau jeito, caxumba e quebrante.

Ao perceber que o uso de certos instrumentos não era realmente necessário para a obtenção da cura ou alívio – “a gente era ignorante, achava que aquilo fazia efeito e que era assim, mas não era, era a prece” – Rosa indica sério questionamento sobre a validade das técnicas adotadas no rito que executava. Tão séria é a dúvida, que ela chega a qualificar o uso daquelas técnicas como fruto de ignorância.

Este questionamento indica a ruptura de sua crença no poder das suas técnicas de benzedura. De maneira semelhante à magia, a eficácia da benzedura é simbólica e repousa sobre a crença. As operações mentais requeridas pela benzedura estão mais próximas da magia do que da religião, ainda que contenha elementos da última. Se, por um lado, a benzeção remete à veneração de forças transcendentes (os santos) de natureza religiosa, também manipula outros elementos sobrenaturais (o dom) e naturais (ramos, galhos e folhas de plantas, cinzas, evocação de astros). Ainda mais, na sua busca de solução para os padecimentos individuais, a benzedura se desenvolve em ritos encenados em caráter privado.

O aspecto sustentador da eficácia da benzeção, que no caso é questionado, refere-se à crença da benzedeira em suas técnicas, remetendo a Lévi-Strauss¹, que, em um de seus mais célebres textos, demonstra ser a eficácia das práticas mágicas suportada pela crença: a) do feiticeiro, em suas técnicas; b) do doente, no poder do feiticeiro; c) da coletividade, na magia.

Ao duvidar de suas técnicas, na mesma época em que enfrentava problemas de saúde, a protagonista desta história afasta-se do ofício de benzer.

DO BENZIMENTO AO PASSE

Após três décadas, Rosa decidiu parar com suas atividades de benzedeira, pelo que afirma, devido a fortes dores de cabeça cuja busca de alívio conduziram-na a um centro espírita, onde a aconselharam a interromper o ofício:

Lá fui orientada que isso aí [benzimento] deveria ser feito numa casa onde tivesse assistência espiritual preparada para absorver essas energias que o paciente deixava; e aí então eu fui parando, cada um que me procurava eu encaminhava para receber passe [espírita]. Às vezes a pessoa não aceitava porque era muito católico, muito...

Rosa também era “muito católica” e “morria de medo de espíritos”. As primeiras vezes em que ela foi ao centro espírita, “saía de lá pior do que eu tinha chegado, de tanto medo”. Até que a mentora da casa a convidou a trabalhar com “passe”. Rosa argumentou: “mas eu não sei transmitir passe”. Em resposta, escutou: “faz igual você fazia quando benzia”. Dessa forma, iniciou suas atividades de médium: primeiro, pedia a proteção do santo e depois, “benzia”, isto é, dava “passe” na pessoa.

O espiritismo, ora reconhecido como religião ora como filosofia, tem como uma de suas práticas principais no Brasil o passe, alicerçado na crença de forças sobrenaturais (como a benzedura) e na invocação de espíritos (não mais santos ou cruz) para resolução de problemas orgânicos, psíquicos ou espirituais. Assim como a benzedura, o passe espírita supõe a crença em um determinismo que tudo abarca e explica por uma causalidade traçada no plano sobrenatural.

A mediunidade de Rosa (também para sua mentora, pelo relato) compõe um arranjo que combina santo católico com benzimento e passe espírita. Depreende-se que, tanto para Rosa quanto para sua mentora, a diferença entre benzer e dar passe limita-se ao lugar onde realiza a imposição das mãos, em um centro espírita, não mais na casa da benzedeira, e ao fato de que esta passa a receber assistência espiritual de outros médiuns.

Nas concepções de Rosa, combinam-se elementos díspares, fragmentos extraídos de diferentes conjuntos culturais, sob a ação da imposição das mãos, para curar

ou dissipar sofrimento. Nesse tipo de bricolagem intelectual, auxiliada por um repertório cuja composição é heteróclita, como descreve Lévi-Strauss¹⁵, compõe-se uma reflexão mítica sobre o vivido.

No arranjo híbrido de resíduos provenientes de saberes tradicionais, catolicismo e espiritismo, que caracteriza a experiência, as concepções e a história de Rosa, deparamo-nos de diversas formas com a bricolagem própria do pensamento mítico:

Ora, é peculiar ao pensamento mítico, assim como ao *bricolage* no plano prático, a elaboração de conjuntos estruturados não diretamente com outros conjuntos estruturados mas utilizando resíduos e fragmentos de fatos – *odds and ends*, diria o inglês ou, em francês, *des bribes et des morceaux* – testemunhos fósseis da história de um indivíduo ou de uma sociedade¹⁰.

Conforme se engajou no trabalho de passes mediúnicos, as crises de enxaqueca de Rosa foram diminuindo, espaçaram-se e acabaram desaparecendo. Até hoje, ela frequenta centros espíritas, embora não mais se reconheça como uma médium em atividade, mesmo aplicando passes.

As crenças de Rosa modificaram-se, desde a época do benzimento, em que se considerava benzedeira católica e “morria de medo de espíritos”. Depois de interromper suas atividades como benzedeira, passou a definir-se como espírita, apesar de se conservar devota de Santo Antônio e Nossa Senhora Aparecida. No entanto, ao se sentir exaurida pelo trabalho mediúnico – afinal, seu medo de espíritos não era de todo infundado -, partiu em busca da energia vital.

“ENERGIZADA” PELO REIKI

Há mais ou menos três anos, antes da entrevista, Rosa começou a sentir-se debilitada e, por indicação de uma amiga, procurou o reiki:

eu não sei se era excesso de trabalho no centro, que a gente lida com energia bem pesada mesmo, no trabalho mediúnico, que é outro trabalho, onde a gente conversa com as entidades que se manifestam. Eu estava bem desgastada e aí me encaminharam, uma amiga me trouxe [ao Núcleo de Reiki].

Reiki - cujo significado em português é “energia vital universal” -, técnica de origem japonesa, consiste em transmissão de energia pelas mãos. Não tem, a

rigor, relação com uma religião específica, nem pode ser descrita como mera prática curativa, ainda que a superposição de mãos com a intenção de curar pela energia universal seja sua principal característica⁹. Entendido como uma terapia complementar à medicina científica, o reiki, desenvolvido no Japão na década de 20 do século passado, foi introduzido no Brasil no final do século XX, no contexto da expansão da procura por terapias não convencionais e coincidindo, dessa forma, com o período de expansão do neo-esoterismo no país⁴.

Depois que conheceu o reiki, Rosa sentiu-se: “mais energizada mesmo, sabe, tenho mais energia, mais disposição, porque eu estava bem derrubadinha”. Ela esperou três anos para se “iniciar” na técnica, por não possuir a quantia de dinheiro necessária para pagar pelos cursos de iniciação, conduzidos por mestre habilitado.

Indagada sobre as diferenças que percebe entre benzimento, passe espírita e reiki, Rosa respondeu: “o reiki parece que repõe mais as minhas energias”. Relata que, quando transmite o passe, suas mãos esquentam um pouco, porém nunca percebeu nada de mais significativo. Ao ser iniciada em reiki, notou que suas mãos esquentam bem mais e acrescenta que, com a auto-aplicação de reiki, passou a dormir melhor.

Ela não conhece outras formas de transmissão de energia pelas mãos, nem sabe da existência de outros reikianos fora do Núcleo. Apenas ouviu falar do johrei da Igreja Messiânica Mundial, no entanto, nunca teve contato com essa outra forma de imposição das mãos. Trata-se somente com homeopatia, porque tem “muito problema com medicamento, eles costumam me fazer muito mais mal do que bem; eu não sei se foi excesso de analgésico que eu tomei quando eu tive enxaqueca, que foi durante uns trinta anos ou mais...”.

Continua trabalhando em centro espírita, transmitindo passes e, depois de iniciada no reiki, iniciou seu serviço voluntário no Núcleo de Reiki, para “retribuir os benefícios que recebi na casa”.

Sua inserção na nova prática de imposição das mãos por manipulação da “energia vital universal”

não excluiu o passe espírita, mesmo quando começou a praticar o voluntariado no Núcleo de Reiki. Na verdade, o reiki, é visto por ela como um complemento, uma forma de sentir-se mais disposta para continuar atuando no centro.

Nas concepções de Rosa, existem semelhanças e não contradições entre as três práticas que exerceu ou exerce. Da mesma forma que ela reconhece similaridade entre benzer e dar passe, atribui ao reiki o papel de subsidiário à ação de ministrar passes.

Mesmo existindo associações e alianças de adeptos do reiki, seus praticantes atuam de forma autônoma, como no benzimento, não dependendo de ritos públicos e coletivos como os das religiões. A imposição das mãos no reiki se faz entre dois indivíduos e suas técnicas envolvem, basicamente, posturas e gestos aprendidos.

O reiki não substituiu o passe porque Rosa continuou acreditando e praticando o espiritismo, mesmo afirmando que se sente “debilitada” com os trabalhos mediúnicos. Conceitos como “energia vital”, “chakras” (emprestado da medicina ayurvédica) e “equilíbrio energético”, utilizados pelos reikianos do Núcleo – e com os quais ela se familiarizou no curso – não entraram em contradição com as concepções anteriores de Rosa, associadas a religiões e saberes tradicionais, ao contrário, acrescentaram outros elementos em um conjunto heteróclito.

O próprio reiki mescla-se com simbologias e crenças diversas. Segundo Leal¹⁶, Mikao Usui teria se baseado nos conhecimentos da Medicina Tradicional Chinesa, do chi kung, do taoísmo e do budismo para alicerçar a técnica reiki. Isso explicaria a ausência de contradição percebida por Rosa, em cuja vida se acomodam, entre outros, espiritismo, santos católicos e a prática do reiki. A propósito, destaca-se, no reiki, a presença de vários “estilos”: xamânico, tibetano, japonês e cristão¹⁶.

Além disso, corroboram a contestação de contradições entre passe e aplicação de reiki os resultados de estudo que encontrou, entre os motivos que levaram adeptos à busca do reiki, a associação das práticas alternativas com fenômenos mediúnicos, com a interpretação de “ser reikiano como um dom”¹⁷.

O reconhecimento de profundas semelhanças entre as três ações curativas faz com que a manipulação da “energia” seja incorporada por Rosa, no presente, como a grande explicação para o poder que reconhece em si, desde os tempos de benzedeira. Os aparentes paradoxos diluem ante a “energia vital universal”.

Magnani⁴ destaca a importância da noção de energia, que, como a de indivíduo, “entra na composição da ideologia das terapias corporais e das práticas alternativas”, disseminada nas classes médias urbanas. A ideologia individualista – o destaque conferido às características individuais, subjetivas, psicológicas – e a totalidade cósmica representada pela noção de energia suportariam, entre outros fatores, uma “nova sensibilidade” receptiva ao neo-esoterismo, na visão do autor.

A “energia” utilizada pelo reiki é entendida como proveniente do universo¹⁰. Concebida como real em si mesma, essa energia apresenta-se como mediadora da união de natural, social e sobrenatural. Unificam-se todas as ordens sob essa energia imanente ao cosmo. A noção de energia universal reflete a percepção de uma unidade fundamental de todas as coisas – a visão de um cosmo unificado – em sobreposição às experiências fragmentadas do vivido.

Sendo assim, na perspectiva do reiki, assim como na de práticas terapêuticas alternativas e/ou complementares de caráter holístico, a doença representa um estado de desequilíbrio⁴ do organismo/ indivíduo com as diversas instâncias em que está inserido, até a dimensão cósmica¹¹. A ação curativa incide sobre o indivíduo em sua singularidade, visando à regeneração do “equilíbrio energético” por meio da transmissão de energia espiritual pelas mãos do praticante, mas uma energia imanente ao universo.

Na verdade, está-se diante de uma concepção de doença como um fenômeno articulado com todos os outros da vida e tecido, em última instância, nos domínios do sobrenatural. Nada tem a ver, portanto, com a definição de doença por seus sintomas e causas imediatas, da visão biomédica fragmentada.

Mais uma vez, destaca-se a presença da lógica mítica, que opera pela junção de elementos prove-

nientes de diversos contextos culturais. Certamente, não é apenas nas concepções de Rosa que se acomodam fragmentos tão diferentes. No reiki, assim como em outras terapias alternativas e/ou complementares, também encontramos a combinação de fragmentos oriundos de vários domínios, como por exemplo a cura prânica¹⁸, técnica de energização pelas mãos, que mistura técnicas de equilíbrio de energia com princípios de cromoterapia. Ou então, o toque terapêutico¹⁹, que segundo a sua própria fundadora, é uma “interpretação criativa de vários antigos métodos de cura que tratam de conceitos como ‘imposição de mãos’, a ‘transferência de energia’ e o ‘curador interior.’”¹⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudarmos este caso específico que diz respeito a uma peculiar experiência de vida, observamos que Rosa parece ter acompanhado o ritmo de seu tempo. Assim como o fogão a lenha foi substituído e as cinzas acabaram, ela também reformulou suas crenças e ações, porém manteve-se fiel à expressão de seu dom de cura, sempre reinterpretado e com novos sentidos acoplados.

Técnicas e instrumentos mudaram, porém permanece a crença no dom de levar a superação de sofrimentos às pessoas que necessitam, seja benzedendo, aplicando passes ou transmitindo energia. Os elementos que suportam esse dom apresentam variações: santos da devoção, forças da natureza, espíritos, energia cósmica.

Entretanto, nenhuma dessas variações apresenta-se em contradição com as demais, uma vez que todas remetem ao pensamento mítico, em que as concepções se constroem sobre um arsenal múltiplo de referências, a partir do qual, com fragmentos diversos, à maneira do *bricoleur*, arranjam-se as formas de conceber e de agir relativas à doença e cura, vida e morte, natural e sobrenatural.

Trata-se de uma forma de conhecimento, que contém rigorosa exigência de determinismo e opera por meio da junção de elementos heteróclitos extraídos de conjuntos culturais diversos. Esta forma de conhecer, a reflexão mítica, é, nesses aspectos, muito

diferente da racionalidade científica expressada pela medicina, que busca estabelecer relações de causalidade parciais e opera por meio de separações e fragmentações.

Por remeterem à lógica mítica, tão diferente da lógica científica, benzedura, passe espírita e reiki

compõem um conjunto coerente na existência de Rosa. Por isso mesmo, não surpreende o sucesso, como prática de cura, de uma técnica de transmissão de energia pelas mãos, apropriada quase um século após de sua criação como alternativa à benzedura, complementar ao passe e à medicina oficial.

FONTE DE FINANCIAMENTO

A pesquisa sobre uso de terapias complementares foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

CONFLITO DE INTERESSES

Declara não haver

REFERÊNCIAS

1. LÉVI-STRAUSS, C. "O feiticeiro e sua magia". *Antropologia estrutural*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. p. 193 - 213.
2. LOYOLA, MA. *Médicos e curandeiros – conflito social e saúde*. São Paulo: Difel, 1984.
3. OLIVEIRA, ER. *Doença, cura e benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedura em Campinas*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social – IFCH/UNICAMP, Campinas – SP, 1983.
4. MAGNANI, JGC. *Mystica urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na cidade*. São Paulo: Studio Nobel, 1999.
5. LUZ, MT. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século XX. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, 15(Suplemento): 145-176, 2005.
6. TESSER, CD; BARROS, NF. Medicalização social e medicina alternativa e complementar: pluralização terapêutica do Sistema Único de Saúde. *Revista de Saúde Pública* v.42 n.5: p.914-20, São Paulo, out.2008.
7. MONTERO, P. *Magia e pensamento mágico*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1986.
8. PIERUCCI, AF; PRANDI, R. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.
9. MÜLLER, B; GÜNTHER, HH. *Reiki: cure a si mesmo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
10. DE' CARLI, J. *Reiki – amor, saúde e transformação*. São Paulo: Madras, 2004.
11. DE' CARLI, J. *Reiki Universal*. São Paulo: Madras, 2006.
12. IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL DO BRASIL. *Curso de formação de membros*. São Paulo: Fundação Moikiti Okada, 2004.
13. GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
14. MARTA, IER. *Mal de simioto: o saber das benzedoras*. Dissertação de mestrado da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – USP, Ribeirão Preto - SP, 1993.
15. LÉVI-STRAUSS, C. *O Pensamento Selvagem*. Campinas: Papirus, 1989.
16. LEAL, O. *Estilos de reiki – xamânico, japonês, tibetano e cristão*. São Paulo: Editora Alfabeta, 2005.
17. BABENKO, PA. *Reiki: um estudo localizado sobre terapias alternativas, ideologia e estilo de vida*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais – UFSCar, São Carlos-SP, 2004.
18. SUL, CK. *Cura prânica avançada – manual prático de cura prânica com cores*. São Paulo: Ground, 1993.
19. KRIEGER, D. *O toque terapêutico – versão moderna da antiga técnica de imposição das mãos*. São Paulo: Cultrix, 1995.